

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA

JORNais

TERÇA-FEIRA

12 DE JULHO DE 2005

GRATUITO

ANO XIV

EDIÇÃO ESPECIAL

CLÁUDIO VAZ

DE FÉRIAS...



No final de mais um ano lectivo, também A CABRA vai de férias. Ficam nesta edição especial algumas sugestões para aqueles que ainda não decidiram o que fazer no Verão. Em Outubro, A CABRA estará de volta. Até breve...

PUBLICIDADE



Sorteio: Ganhe Guias Rough Guides

A coluna Outros Rumos e os guias Rough Guides sorteiam dois guias de viagens. Para ganhar basta enviar uma mensagem para outrosrumos@gmail.com com cinco sugestões de destinos de viagens em Portugal. As melhores sugestões serão contactados por email.



Sons de Verão

Os grandes nomes que compõem os cartazes fazem as delícias dos festivaleiros

JONAS BATISTA



Com um programa recheado de vedetas o Festival do Sudoeste leva animação à costa alentejana. Na foto, Norman Cook (Fatboy Slim), um dos cabeças de cartaz

Vilar de Mouros, Sudoeste e Paredes de Coura são os três festivais que marcam o Verão em Portugal. A qualidade é a palavra de ordem

Filipa Oliveira
Tiago Pimentel

Todos os anos, são milhares aqueles que rumam a paragens remotas para ver as suas bandas favoritas ao vivo. De norte a sul do país, os grandes festivais de Verão têm a vantagem de aliar cartazes atractivos às férias em espaços naturais. Os preços podem ser considerados acessíveis, tendo em conta que sobem aos palcos grandes nomes da música a nível internacional

Vilar de Mouros

A memória do festival de Vilar de Mouros remonta a 1971, data da 1ª edição. Depois de alguma intermitência, chegamos a 2005 com o festival consolidado na cena nacional, a cumprir a sua 10ª edição. De 28 a 31 de Julho, a música vai invadir a pequena aldeia no Minho.

A programação do palco principal inicia-se no dia 28, quinta-feira, preenchida com sons entre o "rock" e o "metal". Os primeiros a subir ao palco são os Johnny Panic, um quarteto londrino que vem apresentar o seu álbum de estreia "The Violent Dazzling". Seguem-se os AnathemA, uma banda de Liverpool formada em 1990 pelos irmãos Vincent e Danny Cavanagh, que pratica sonoridades "metal". Os Within Temptation, vindos da Holanda, são os próximos a actuar. Os cabeças de cartaz para a primeira noite chamam-se Nightwish e chegam da Finlândia. Estes finlandeses juntaram-se em 1996 e em 2005 estão a fazer a maior digressão da carreira, com mais

de 150 datas em todos os continentes.

O segundo dia do festival é composto por sonoridades predominantemente "rock". Os Echo & The Bunnymen, uma banda formada em Liverpool em 1978, que já passou pela 2ª edição de Vilar de Mouros, em 1982 são os primeiros a actuar. Seguem-se os britânicos Jesus Jones, formados em 1988 e com cinco álbuns editados até à data. Os Blues Explosion são os senhores que se seguem. Peter Murphy é o cabeça de cartaz para a noite de dia 29. Este britânico pertenceu aos Bauhaus e aos Dali's Car, antes de enveredar por uma carreira a solo. Actualmente está em digressão, para apresentar o novo álbum "Unshattered".

No dia 30 os primeiros a subir ao palco são os Alabama 3. Esta banda britânica é bem conhecida por ter composto o tema da série televisiva "Sopranos". Segue-se o veterano Joe Cocker, que apresentará o seu álbum "Heart & Soul". A menina Joss Stone subirá ao palco a seguir, ela que com apenas 16 anos já encantava o mundo com a sua voz profunda, impregnada de "soul". Por fim, pisam o palco os Faithless. A dupla Rollo/Sister Bliss, que apenas começou a trabalhar em conjunto por volta de 1993, atingiu a fama mundial, ao produzir grandes "hits" de dança.

O último dia do Vilar de Mouros inicia-se ao som de Andy Barlow, elemento dos Lamb. Seguem-se os The Wedding Present, uma banda de Leeds, formada em 1985. Em Portugal, vão apresentar o seu mais recente registo, intitulado "Take Fountain". Os Porcupine Tree, de Steve Wilson, tocam a seguir. Esta banda foi formada em 1987 e a sua sonoridade pauta-se por um experimentalismo audaz. A seguir, Robert Plant and The Strange Sensation prometem uma potenciar a forma "pop" dos "blues" a que habituaram o público. O consagrado Jorge Palma encerra o palco do Vilar de Mouros.

Se no que respeita ao palco principal o cartaz do festival de Vilar de Mouros já está completamente definido, o resto das actividades peca precisamente pela indefinição. Tanto no que respeita ao palco secundário como ao cinema, discoteca e actividades paralelas, ainda não há programação disponível.

Os bilhetes de um dia para o festival de Vilar de Mouros custam 35 euros. O passe de quatro dias fica por 70 euros.

TMN Sudoeste

O litoral alentejano vai receber, entre 4 e 7 de Agosto, a 9ª edição do Festival Sudoeste na Herdade da Casa Branca, na Zambujeira do Mar. Segundo o formato de anos anteriores, o Sudoeste continua a dividir-se entre um palco principal (Palco TMN), onde têm lugar as principais actuações, um palco secundário para novos talentos (Planeta Sudoeste) e o palco Positive Vibes, dedicado ao "reggae".

Na primeira noite, Júnior, o vencedor das TMN Garage Sessions, inaugura o palco principal, segue-se Emir Kusturica & The Non Smoking Orchestra e Patrice. Sean Paul encerra a noite com ritmos dancehall de influências "hip-hop" e "r'n'blues". A estreia do teatro no festival está marcada para o palco Planeta Sudoeste com a actuação dos mediáticos Gato Fedorento.

Dia 5, o destaque vai para a banda de Manchester Oasis, que vai tocar canções do novo álbum assim como os temas que a celebrizaram, depois da actuação da mais recente revelação britânica, os Kasabian. Também os reis do "hip-hop" português, os Da Weasel, vão pisar o palco principal assim como o canadense K-OS e os Skank. O palco secundário será dominado pela electrónica com DFA Records Showcase, Black Dice, entre outros. Marcus Lambkin e Tim Sweeney, os nova-iorquinos LCD Soundsystem liderados por James Murphy, na companhia de Delia & Gavin sobem ao

palco no final da noite. Também merecem destaque as relevações musicais como Devendra Banhart, Boitezuleika, Maximo Park e Klepht. O palco Positive Vibes é dominado pelo regresso a Portugal de um dos mais conceituados soundsystem mundiais: os Pow Pow Movement.

Na noite seguinte, o projecto Humanos sobe ao palco principal para cantar António Variações, seguido do californiano Donavon Frankenreiter e de The Thrills. Outros nomes sonantes dessa noite são Ben Harper & The Innocent Criminals e Underworld. Norman Cook, mais conhecido como Fatboy Slim, é o cabeça de cartaz da noite. Cook vem apresentar sets que vão do "house" ao "techno". No palco secundário destaca-se a cantora canadense Peaches e a Josh Rouse Band. Em português, actuam os Hipnótica e Factor Activo. No palco Positive Vibes, o colectivo Sentinel Sound assinala a sua estreia em Portugal, prometendo uma actuação cheia de energia e versões especiais que vão ser ouvidas apenas nessa noite.

A última noite traz ao palco TMN Athlete e a banda britânica Doves apresenta o seu mais recente álbum "Some Cities". Os históricos do rock norte-americano Dinosaur Jr. actuam também no dia 7, assim como a banda de Jonathan Davis: os Korn. O cartaz dessa noite é encabeçado pela dupla britânica Basement Jaxx. No Planeta Sudoeste figuram nomes como The (Internacional) Noise Conspiracy, Mata Tu, Patron!, os conimbricenses Wraygunn e d3ö, The Kills e, por fim, dj Rui Vargas. No palco Positive Vibes, destaca-se o dj Soundquake, que lançou a editora com o mesmo nome, sendo uma das maiores distribuidoras de "reggae" a nível europeu.

O festival apresenta um cartaz bastante ecléctico, capaz de atrair amantes do "rock", do "pop", e até mesmo da música alternativa e electrónica. Este ano também o teatro e o cinema têm um lugar no festival com a pre-

sença dos Gato Fedorento e de Emir Kusturica & The Non Smoking Orchestra. O passe para os quatro dias é de 65 euros, incluindo o acesso ao parque de campismo do festival. O bilhete diário, sem campismo, é de 35 euros.

Paredes de Coura

De 15 a 18 de Agosto, na praia fluvial do Tabuão, decorre a 13ª edição do festival de Paredes de Coura.

Este ano, o cartaz do festival de Paredes de Coura aposta claramente na qualidade, sendo constituído por grandes bandas. O primeiro dia, que consiste na festa de recepção ao campista, ainda não tem programa definido.

Assim sendo, a música vai começar a fazer-se ouvir na terça-feira, dia 16. Os norte-americanos MxPx vêm apresentar o álbum "Panic", lançado já em 2005. Seguem-se os Death From Above 1979, uma banda formada por Jesse F. Keeler e Sébastien Grainger que lançou um álbum até à data, intitulado "You're a Woman, I'm a Machine". Os !!! (leia-se Chk Chk Chk) sobem ao palco a seguir. De seguida, teremos The Bravery no palco de Paredes de Coura. Oriundos de Leeds, os Kaiser Chiefs vão promover o álbum de estreia "Employment", que os projectou para a fama e glória em todo o mundo. A primeira noite de festival termina ao som de Foo Fighters, que trazem na bagagem o duplo álbum "In Your Honor".

O dia 17 inicia-se com os The Futureheads, um quarteto vindo de Sunderland que apresentará o álbum de estreia homónimo. A seguir no palco estarão os Hot Hot Heat, uma banda canadense com um novo disco, "Elevator", editado em 2005. Com uma sonoridade muito própria, os The Roots actuam a seguir. Outra banda canadense, The Arcade Fire, subirá ao palco, apresentando o álbum de estreia, "Funeral". O rock vibrante dos Queens of the Stone Age regressa a Paredes de Coura, depois de já ter passado por lá em 2001. "Lullabies to Paralyze" é o mais recente álbum desta banda. A noite encerra-se com os Pixies, uma das mais carismáticas bandas de sempre, num regresso a Portugal.

No último dia, a música vai começar a cargo de Juliette and The Licks, que se estrearam com "You're Speaking My Language". Os Killing Joke são mais um regresso ao nosso país. Formados em 1978, estão aí para durar, tendo editado em 2003 "Killing Joke". O multifacetado Vincent Gallo é o senhor que se segue no palco, ele que construiu uma carreira repartida entre ser actor, realizador e músico. A finalizar, teremos os históricos Nick Cave & The Bad Seeds, que também regressam a Portugal. No fim do ano passado, editaram um duplo álbum intitulado "Abattoir Blues/The Lyre of Orpheus", e já este ano lançaram uma colectânea de raridades e alguns temas nunca antes editados.

Paralelamente ao palco principal, a música passa também pelo palco "songwriters", que tem para já confirmados três nomes: The Unplayable Sofa Guitar no dia 16, Alasdair Roberts no dia 17 e Woven Hand no dia 18. Ainda sem nomes está o espaço "jazz na relva", assim como o "after hours". Os bilhetes de um dia para o festival Paredes de Coura custam 40 euros, enquanto que o passe de quatro dias pode ser adquirido por 80 euros.

Festivais à margem dos “clássicos”

Para além dos grandes festivais de Verão, há uma oferta muito variada de alternativas um pouco por todo o país, nos mais diversos estilos

Não são poucos aqueles que escalam aliar a animação musical à descoberta de novas paragens. Os cartazes têm bastante variedade, abarcando diferentes estilos das mais diversas proveniências. Esta é, por vezes, a oportunidade para conhecer intérpretes desconhecidos do grande público. Globalmente mais baratos que os “clássicos”, este tipo de festivais está fortemente enraizado a nível local, dispersando a oferta de boa música por todo o país

IberRock - festival ibérico de rock

De 14 a 17 de Julho, Viseu recebe a 1ª edição do iberRock, festival ibérico de rock. O melhor rock da península divide-se por três locais: palco Viriato, palco do Adro e discoteca The Day After.

Na quinta-feira, o palco principal recebe os Dolar Llama, banda lisboeta vencedora do concurso de bandas que antecedeu o iberRock. Seguem-se os Yellow W Van, Blasted Mechanism e Xutos & Pontapés. Nesta noite, o palco do Adro recebe três grupos: N'músicas, Prós Amigos e Corsários.

Sexta-feira, dia 15, sobem ao palco Viriato dois grupos espanhóis e dois portugueses. Do país de “nuestros hermanos” chegam-nos os XXL e ainda Enrique Bunbury, ex-vocalista dos Heroes del Silencio, considerado pela MTV o melhor artista espanhol do ano. Os representantes portugueses são os Clã e os Da Weasel. No palco do Adro actuam Os Charruas e Amigos, Danny Silva, João Magalhães e ainda Kátia Guerreiro.

O dia seguinte traz ao palco Viriato os Mesa, os Fingertips, os O’-funk’illo e ainda os The Gift. No palco do Adro, o programa é de revivalismo: Acusticamente, Los Bravos e Sheiks. Ainda no sábado, a discoteca The Day After recebe as batidas de dj Jiggy e dj Jesus del Campo.

No último dia passam pelo palco Viriato, as restantes bandas do concurso do iberRock: Puma, Sutzu, I Scream, Umeed e Snail. Os portugueses Spitout encerram a 1ª edição do festival.

Os ingressos diários para o iberRock custam 18 euros. O passe para as quatro noites pode ser adquirido por 40 euros. Paralelamente à música, o iberRock tem previstas várias iniciativas, como uma exposição de carros famosos, actividades radicais, feira de discos e um torneio de golfe.

Tom de Festa/ Festival de Músicas do Mundo

De 20 a 23 deste mês, Tondela recebe o 15º Festival de Músicas do Mundo, uma iniciativa da Associação Cultural e Recreativa de Tondela (ACERT). O programa abre com a estreia de “Bicicleta de Recados” pelo Trigo Limpo teatro ACERT, seguindo de uma espectáculo de dança contemporânea da CEDECE. A noite termina com música popular brasileira.



Ba Cissoko e o seu trio representam a Guiné Conakri no Festival de Músicas do Mundo de Sines

ra pela voz e violão de Geraldo Azevedo.

A segunda noite é dedicada totalmente à música. Para amantes da música de fusão, os Polvorosa (Chile e Alemanha) vêm mostrar um dos projectos com mais expressão no panorama europeu actual. O final da noite é reservado a dois grupos portugueses: os Boss AC e os tondelenses New Sketch.

No terceiro dia do festival, os Moda Dudle (Portugal) viajam à música dos anos 50, através do vídeo e da exploração do pré-cinema. O espectáculo segue com a actuação de Urban Trad (Bélgica) que vão ao festival mostrar uma nova forma de música de raiz “folk”, absorvida em novos sons contemporâneos. A tradição e a cultura africanas marcam presença no festival com Angelina Akpovo & Yakuwumbu (Benim).

Na última noite sobe ao palco um dos maiores acordeonistas de sempre, o francês Richard Galliano. Vindo de Cuba, Kelvis Ochoa mostrará a convivência entre a música tradicional e outras influências musicais. Encerra o festival Alex Ikot (Guiné Equatorial) que pretende vislumbrar a assistência com sonoridades africanas genuínas.

Palmela é capital do saxofone

Decorre até dia 16 de Julho a primeira edição do 1º Festival Internacional de Saxofone de Palmela. O evento teve início ontem e é organizado pelo Conservatório Regional de Palmela. Ao longo dos três dias, os visitantes podem assistir, gratuitamente, a concertos em vários locais da cidade.

Em simultâneo com os concertos, o festival inclui duas master-classes, a primeira decorre até 14 de Julho e está a cargo de Mario Marzi, professor do Conservatório “Giuseppe Verdi” em Milão. A segunda formação, subordinada ao tema “O Saxofone no Barroco”, tem lugar hoje e amanhã, estando a cargo de Henk Van Twillert, professor da Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo do Porto e do Sweelinck Conservatorium van Amsterdam.

Nos dias 15 e 16 de Julho decorre ainda o 1º Concurso Internacional de Saxofone “Vítor Santos”. O festival pretende, assim, divulgar o saxofone na sua vertente clássica, bem como a evolução e motivação da “escola de saxofone” no país.

Como complemento à música, o festival dá lugar às artes plásticas e a outro tipo de animação, subordinado ao tema “Da Palavra às Artes” do Novo Ciclo ACERT. Assim, o evento proporciona aos visitantes uma mostra de projectos solidários, assim como uma feira do livro.

Festival de Músicas do Mundo de Sines

Sines acolhe a sétima edição do Festival Músicas do Mundo, nos próximos dias 28, 29 e 30, uma opção para aqueles que pretendem gastar pouco dinheiro e assistir a concertos num ambiente descontraído. O maior festival português dedicado à música universal tem lugar no cenário histórico do Castelo de Sines, na Capela da Misericórdia e na Avenida da Praia, assim como em Porto Covo.

A edição deste ano recebe 15 concertos com sons provenientes dos quatro continentes, apresentando, desta forma, o programa mais extenso e forte de sempre. O festival tem início em Porto Covo com projecto argentino 34 Puñaladas que exploram, de forma contemporânea, o lado mais duro e obscuro do tango dos anos 20, 30 e 40. No Castelo de Sines actua Cristina Branco, pela segunda

vez no festival, acompanhada da Brigada Victor Jara e de Segue-me à Capela. Ainda nesse dia marcam presença no castelo Ljiljana Buttler & Mostar Sevdah Reunion (Bósnia-Herzegovina) e Amadou & Mariam (Mali), enquanto que na Avenida da Praia actua a Mahala Raï Banda (Romênia).

O dia 29 é dedicado ao jazz com a actuação da portuguesa Lula Pena. No castelo, o guitarrista Marc Ribot (EUA) apresenta-se no Castelo de Sines com a trio The Young Philadelphians para uma jam-session entre o free, o funk e o rock com a grande contribuição do jazz. No mesmo espaço, sobe ao palco a show-woman Astrid Hadad (México) e Hermeto Pascoal (Brasil), o “mago dos sons”. A Avenida da Praia vai ser invadida por sons africanos de Ba Cissoko e do seu trio (Guiné Conakri).

O último dia marca a estreia do extremo Oriente no festival pela mão dos Samurais na Avenida da Praia. De Marrocos para o Castelo de Sines chega The Master Musicians of Jakouta, considerado o grupo musical mais antigo do mundo. Também o finlandês Kimmo Pohjonen, acompanhado do seu acordeão, se junta à banda King Crimson e ao duo TU (EUA) para abordarem a música de forma original. De igual modo a Irlanda se faz representar no festival pelos Kila, assim como a República Democrática do Congo com a actuação dos Konono, que convertem lixo em percussões e megafones em sistemas de som. O bilhete diário para os concertos no Castelo de Sines custa cinco euros, enquanto que os restantes são de entrada livre.

Para além dos concertos, o festival está a decorrer desde o início de Julho com uma programação repleta de iniciativas paralelas, subordinadas à temática “Músicas do Mundo”, com ciclo de cinema documental, exposições fotográficas, sessões de djing, conversas com os artistas e uma master-class de saxofone e clarinete.

Festival Intercéltico de Sendim

A “folk” tem um festival, que acontece em Sendim, nas Terras de Miranda. O 6º Festival Intercéltico de Sendim está marcado para 5, 6 e 7 de Agosto. A música céltica do festival de Sendim divide-se por dois palcos principais: o palco Sons da Terra, no Parque das Eiras, e palco Mirai Qu’Alforjas, no Largo da Igreja.

No palco Sons da Terra a programação para o dia 5 inicia-se com os portugueses Mu. Depois actuam os madrilenos La Bruja Gata e por fim sobe ao palco o galego Xosé Manuel Bodío.

Para sábado, dia 6, o cartaz de bandas é composto por grupos vindos de Espanha. Da Catalunha chegam os Les Violines, das Astúrias os N’Arba e de Castela Eliseo Parra com os Tac-teque, originários de Leão.

Quanto ao palco Mirai Qu’Alforjas, os concertos começam no dia 6, com uma banda da casa: os Fiesta de los Rigalejos. A seguir tocam os La Bandina’l Tombo, vindos das Astúrias. Seguem-se, também das Astúrias, os Ritual Mágico-Céltico, a quem sucedem os Gaiteiros de Moimenta.

Para além destes, um outro espaço receberá a música intercéltica que o festival tem para dar: trata-se da Taberna dos Celtas, onde actuam no dia 6 e 7, “madrugada dentro”, os Biba La Gaita! U! e ainda os Gaiteiros de Moimenta.

Em paralelo com os concertos ocorre no dia 7 às 13h30 na Igreja Paroquial de Sendim uma missa intercéltica com o Coro de Canto Gregoriano de Penafiel. Há também artesanato e produtos da terra para ver no Parque das Eiras, assim como instrumentos musicais, livros, discos, licores celta e outras poções mágicas. Para quem quiser descobrir mais sobre Sendim, há rotas turísticas e uma exposição na Casa da Cultura de Sendim.

Desporto e voluntariado animam o Verão

Aproxima-se a passos largos o período do ano mais aguardado pelos estudantes: as férias.

Apesar de perder grande parte da sua população estudantil, Coimbra desenvolve nesta época diversos programas de ocupação dos tempos livres

**Ana Bela Ferreira
Diana do Mar**

Agora que os estudantes se despedem dos exames, muitos são os que também dizem adeus à cidade. Coimbra fica assim mais deserta e perde a atmosfera académica a que está habituada durante o resto do ano. O mês de Agosto revela uma cidade cheia de espaços vazios: ruas, cafés, cinemas, discotecas anseiam pelo regresso dos estudantes e pela agitação que estes trazem a Coimbra.

A pensar em todos os que vivem ou decidem passar as férias na cidade foram desenvolvidas várias iniciativas que têm como principais objectivos a ocupação de tempos livres e o combate ao sedentarismo. Promovidos pela Câmara Municipal de Coimbra (CMC) e pelo Instituto Português da Juventude (IPJ) estes projectos estão à disposição dos jovens desde o início deste mês.

“Coimbra Jovem em Ação” surge pela primeira vez no distrito de Coimbra e é “um dos programas mais importantes da actual vereação”, segundo o assessor do Pelouro do Desporto e da Juventude da CMC, Nuno Prata. Num regime de 20 voluntários em cada turno, os jovens vão estar junto dos responsáveis do departamento de ambiente e qualidade de vida e do departamento do desporto, a realizar campanhas de sensibilização do ponto de vista ecológico e recolha selectiva de lixo pela cidade. Esta acção decorre até ao dia 20 de Setembro, sendo interrompida durante o mês de Agosto.

A incerteza dos resultados da divulgação e dos níveis de adesão conduziu a uma fixação de vagas reduzida, na medida em que este é “um projecto teste”, esclarece Nuno



Vazia de estudantes, a Alta Universitária costuma encher-se de turistas durante o Verão

Prata. No entanto, verificaram-se “imensas inscrições” e, por isso, “foi necessário retirar algumas pessoas e passá-las para outros turnos”. Em caso de continuidade, Nuno Prata perspectiva para o próximo ano um aumento no número de vagas.

A CMC desenvolveu também uma nova marca que procura identificar-se com os jovens e com as pessoas que gostam de praticar desporto – “Coimbra a Mexer”. Este projecto vê a luz do dia no Parque Verde do Mondego aos sábados, durante este mês e o de Setembro, com paragem em Agosto. Ao longo de todo o dia, aqueles que aqui se deslocarem podem “usufruir de múltiplas actividades, como voleibol, basquetebol e badminton”, esclarece Nuno Prata.

A estrutura montada neste espaço junto ao rio Mondego oferece ainda, durante a tarde, várias aulas propor-

cionadas por ginásios da cidade. Apesar de o final desta campanha estar agendado para Setembro, existe a possibilidade de esta se prolongar ao longo do ano. “Isto se o tempo ajudar”, refere Nuno Prata. O “Coimbra a Mexer” inscreve-se na “lógica do combate ao sedentarismo que é cada vez maior e na promoção da prática desportiva”.

O pelouro do Desporto ainda lançar um programa de ocupação de tempos livres em colaboração com diversos clubes da cidade. Nuno Prata explica que estas duas entidades vão desenvolver “diversas actividades físicas com os jovens, durante as manhãs”.

Tempo livre por uma causa

A delegação regional do Instituto Português da Juventude (IPJ) propõe aos jovens com tempo livre que abracem a missão do voluntariado. Os jovens entre os 18 e os 30 anos

têm ao seu dispor um programa de limpeza e vigia de áreas florestais. O “Projecto das Florestas” teve início no passado dia 15 de Junho e prolonga-se até ao dia 30 de Setembro.

Joana Pinto, voluntária deste projecto, explica que este foi, durante o ano passado, um projecto piloto ao qual apenas aderiram os distritos de Coimbra e Castelo Branco.

Dada a experiência, a cidade serviu esta ano de modelo para os distritos do país envolvidos.

As áreas que se encontram sob a vigilância dos jovens voluntários de Coimbra são Vale de Canas, o Choupal e Arzila. Aqui é da responsabilidade dos intervenientes fazer inventários das áreas florestais, sinalizar e recuperar caminhos florestais, assim como vigiar as áreas protegidas, limpar e manter os parques de merendas, entre outras tarefas. Para levar a bom termo esta missão,

os jovens dispõem de objectos como bússolas, binóculos, bicicletas, jipes e camisolas.

Sob o lema “Salva a floresta do fogo. Tu precisas dela, ela precisa de ti!”, o projecto lembra que ser voluntário é “ocupar o tempo na defesa de um património comum”.

Para além deste projecto, Joana Pinto realça ainda os projectos residentes do instituto nesta época do ano. Um é a Associação de Tempos de Livres (ATL), destinado a jovens até aos 25 anos, que disponibiliza de salas de pintura e de música, entre outras, para dar cor e som aos dias livres.

Existe ainda uma outra acção “extraordinária” de voluntariado, tal refere Joana Pinto: o Campeonato Nacional de Natação de Juvenis. Décore entre os dias 22 a 24 e conta com 20 voluntários dos 16 aos 25 anos, que vão ter como principal função “animar e ajudar o público”.

Das aulas ao trabalho

A Coimbra dos estudantes não deixa de o ser nem mesmo nas férias. Muitos são os que ficam pela cidade “atrelados” a um emprego necessário para colmatar as dificuldades económicas provenientes dos seus estudos

Depois do intenso período de exames, é tempo de férias. Enquanto uns partem para a praia, rumam aos festivais ou se perdem entre malas de viagem, outros entregam os currículos vitae para aqueles que serão os seus

patrões durante as férias. O regresso a casa é para muitos difícil ou até mesmo impossível e “os divididos entre as férias e a pressão das dificuldades financeiras” relembram que “nem sempre há a oportunidade de escolher”.

Joana Mota, estudante da Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC), 20 anos explica que “este é um período complicado”. Apesar de trabalhar sempre nas férias, Joana costumava arranjar um trabalho na Nazaré, mas este ano a ausência de bolsa de estudo obrigou-a a iniciar o seu período de trabalho mais cedo. Joana não tem férias há cerca de quatro anos e afirma que “é muito cansativo”, mas comprehende a importância que o part-time tem, “uma vez que este condiciona a continuidade dos estudos”, explica.

Alguns estudantes confessam que o trabalho nas férias é recompensador, mas a ausência dos amigos, da diversão e da família torna as coisas mais complicadas. No entanto, Isa Dias, estudante de turismo na ESEC explica que o motivo que a levou a trabalhar no período de férias foi “a vontade de ocupar o tempo, ganhando ao mesmo tempo algum dinheiro necessário” para as suas próprias despesas. Em relação à opinião dos seus pais sobre esta questão, a estudante de Castro D’Aire refere que eles acham que ela deve trabalhar, apesar de sentirem a sua falta.

Segundo os estudantes, as férias já representavam uma oportunidade para ganhar algum dinheiro e, ao mesmo tempo, poderiam estar junto da família e dos amigos na medida do possível, mesmo antes da entrada no

ensino superior. A universidade condicionou muitos estudantes financeiramente obrigando-os a conciliar um trabalho com as aulas. Carolina Vieira, estudante da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, esclarece que já trabalha desde os 15 anos, mas que agora é diferente. Desde que ingressou na universidade “as coisas complicaram-se”. Oriunda de Soure, a estudante explica que vai todos os dias a casa, uma vez que não possui casa em Coimbra. Carolina refere que tem “saudades da família” e comprehende as queixas da mãe em relação ao facto de a estudante só ir a casa dormir, mas sempre que pode tenta arranjar um tempo para estar com ela. Carolina Vieira explica que “é bastante triste ter de prescindir das férias com a família”.

Uma vila nortenha com história

Monção conta com mais de quatro milénios de existência

A dois passos da fronteira com Espanha, a vila oferece uma história milenar, marcada pela passagem de vários povos

Cláudio Vaz

Não é necessário ir tão longe para refrescar a cabeça e conhecer lugares fabulosos e aconchegantes neste Portugal de vários lugares típicos. Com isto o leitor pode concordar, mas seria necessário um argumento significativo para convencer alguém a viajar algumas centenas de quilómetros só para chegar a uma vilazinha de que mal ouvimos falar e que nem faz parte dos grandes e importantes circuitos nacionais de turismo.

Mas como não se viaja só pelo prazer de ver, mas também pelo prazer de contar, falo aqui sobre uma vila longe de Coimbra e das dimensões do espaço do quotidiano de muitas pessoas, chamada Monção, no norte minhoto português. Uma vila com características bem locais, com muita história e paisagens dignas das demais terras que contornam o território lusitano irrigado pelas águas do rio Minho.

Depois da sua fundação em 2104 a.C. pelos babilónios (ou iberos), Monção ainda foi terra de povos co-

mo Celtas e Suevos que a baptizaram com outros nomes como "Orosion", nome grego para Monte Santo, e, mais tarde (em 410 d. C.), recebeu o nome de "Mons Sanctus", do latim, na altura em que os romanos foram expulsos da península. Mas foi D. Afonso III que a refundou com o nome de Monção, depois de ter extinguido as vilas vizinhas de Badim e Penha da Rainha do local actual, que só em 1258 veio a receber estatuto oficial de vila.

Terra dos pratos de lampreia, do forte e da fileira de árvores de carvalho da avenida das Caldas, Monção destaca-se também pelo formato e imponência dos muros em granito, que me levaram a recordar os paredões das ruas da cidadela de Cuzco, no Peru, berço da antiga civilização Inca.

Realmente não é necessário ir tão longe para saber sobre tudo isso, bastava comprar um bom guia turístico. Mas, como dizia Blaise Pascal, se a vida fosse um livro, viver e não viajar seria como se lêssemos apenas uma página deste livro.

Março 2004



A pequena vila no extremo norte do país assistiu à passagem de séculos de povos e estórias

Informações Úteis

Como lá chegar:

Seguir pela A3 até ao Porto, apanhar aí o IC1 e depois a EN101 até Monção.

A Rede de Expressos tem, pelo menos, duas ligações diárias entre Coimbra e Monção; a estação ferroviária mais próxima é Valença, a 17km.

Estadia e restauração:

Albergaria Atlântico, Casa do Sobreiro, Quinta da Portelinha e Casa de Rodas (turismo de habitação), Pensão Esteves, Pensão Mané, Residencial Deu-lá-deu. De 25 a 85 euros por noite.

Vida nocturna:

Bar BJ Dois, Bar Só Veneno

A conhecer:

Palácio da Brejoeira, Ponte de Mouro, Muralhas de Monção, Igreja Matriz, Torre de Lapela, Mosteiro de Longos Vales.

E mais...

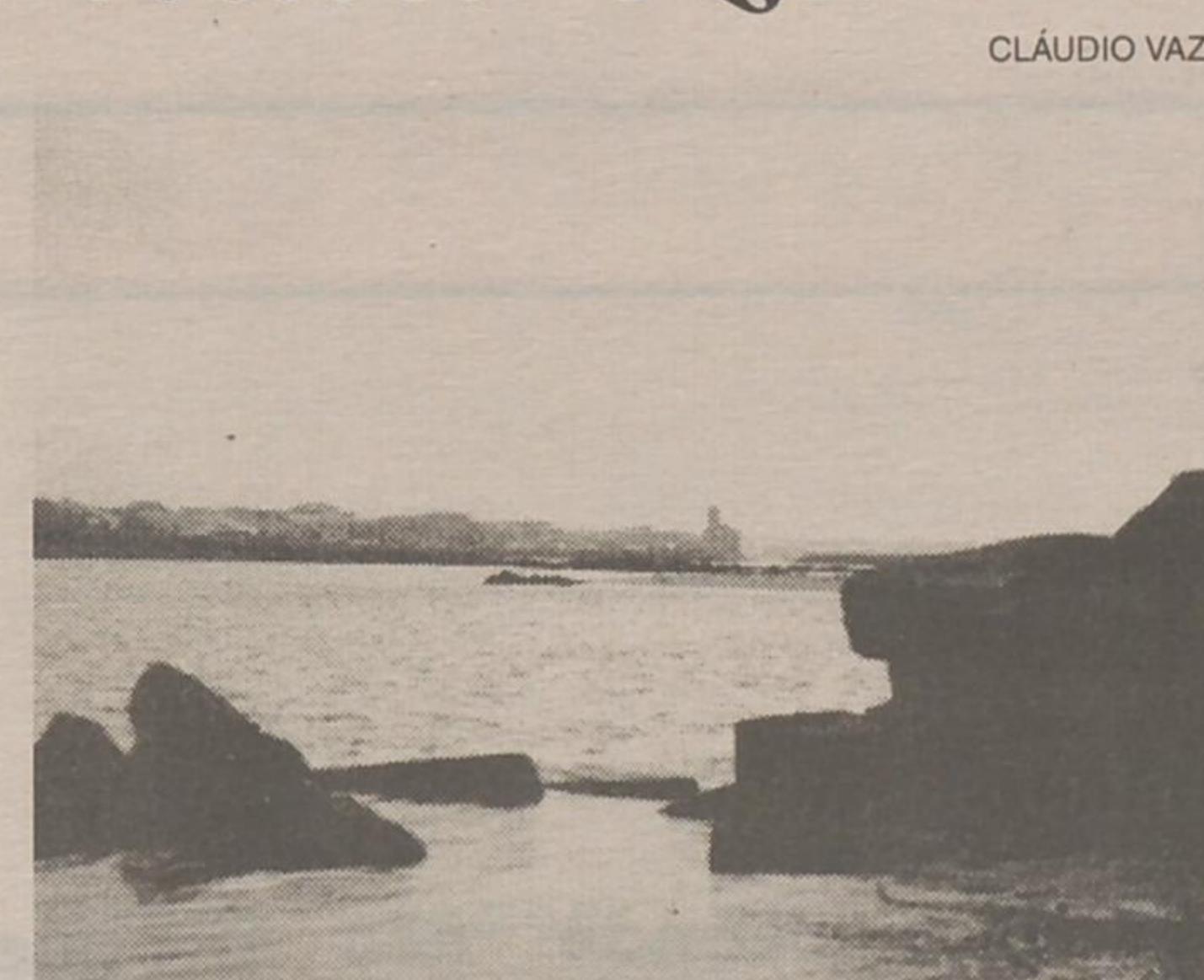
Nos meses de Julho e Agosto realizam-se festas populares um pouco por todo o concelho, e ocorre ainda um festival internacional de folclore.

Privilégio da natureza

Cercada por florestas e banhada por um rio, Esposende é uma antiga vila de pescadores com um sossegado ar de pequena cidade

A 50 quilómetros do Porto, descansa uma antiga vila do litoral norte português, agora já cidade, graças aos esforços do seu patrono D. Sebastião, que conseguiu criar a tão esperada autonomia do concelho de Barcelos. Um lugar único que guarda ainda a herança da cultura pesqueira dos que viviam e ainda lutam para viver do mar.

"Um privilégio da natureza" - diz uma placa de boas vindas à cidade. E realmente não deixa de ser. O litoral oferece, além de um bom lugar para banhos de mar nos meses de Verão, uma boa posição geográfica para a prática do surf. Esposende ainda apresenta pequenas ruas de calçada dignas de um passado de heranças romanas, com capelas antigas, casas de praia e um imponente farol, um dos cartões postais da cidade. Comecei a interessar-me pelo lugar e tentar viajar na história quando, de repente, fui apresentado a mais uma das curiosidades desta cidadezinha.



Exactamente ao meio-dia, fui surpreendido por uma badalada que vinha dos sinos de uma igreja, situada na praça central. Um badalar vibrante com toques agudos e altos que poderiam assustar qualquer viajante desinformado, como eu. E o engraçado era que, mesmo com a barulheira que parecia querer chamar a atenção de toda a região do Minho, estavam apenas a convocar algumas senhoras que estavam ali à espera do chamado para comungar a sua fé.

Deixei-me mais uma vez contagiar pelas ruas da cidade até a hora do jantar, quando fui em busca do famoso prato de mariscos, típico do lugar. CV Novembro 2003

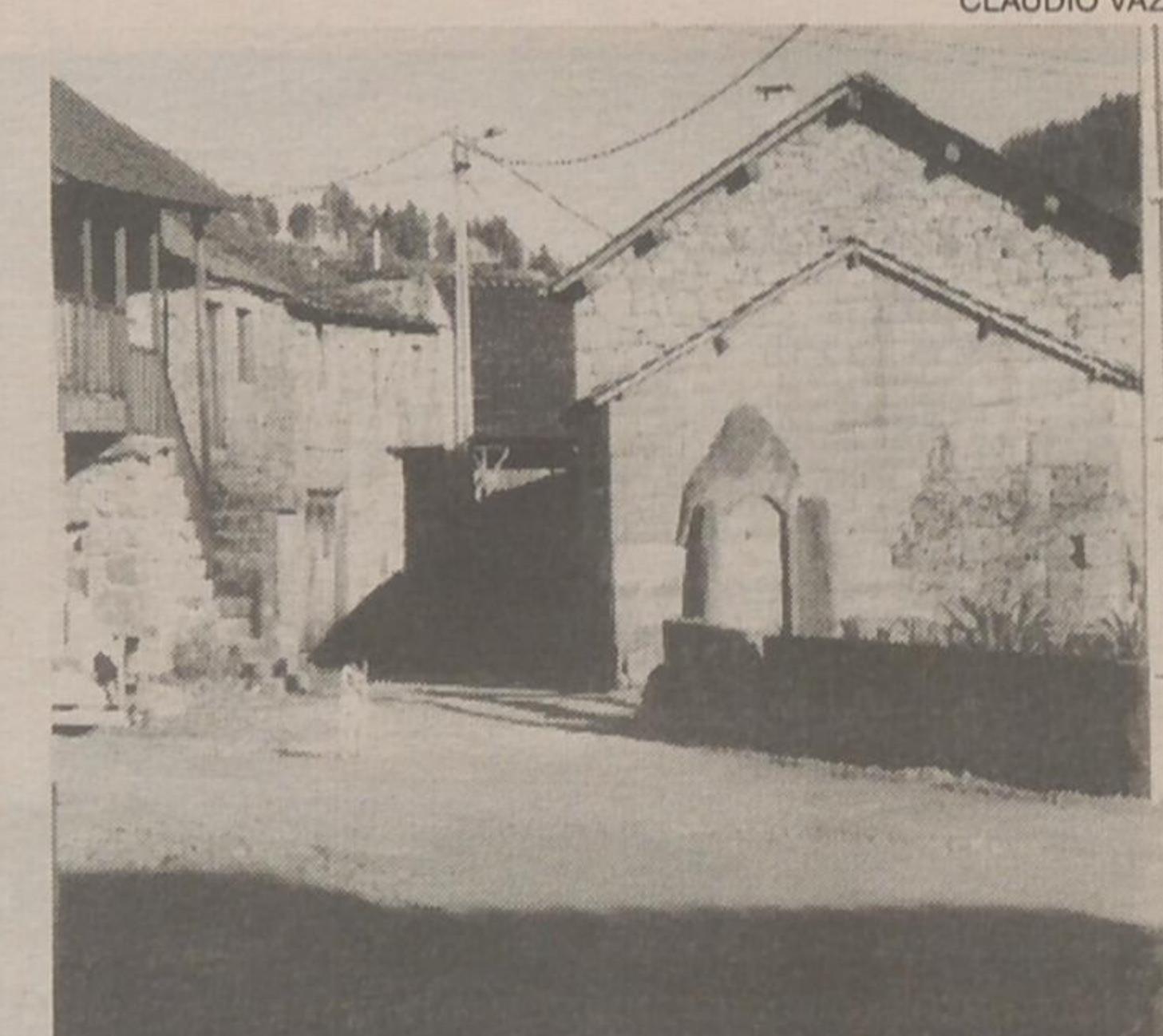
Perda de identidade

A aldeia de Montesinho que dá nome ao parque natural sofre com a intrusão de materiais modernos de construção

Saindo de Bragança e tomando a estrada nacional 103-7, corte à esquerda antes de atingir a aldeia fronteiriça do Portelo e siga pela (excelente) estrada florestal. Prepare-se pois a subida começa a ser puxada. O isolamento é total e o silêncio começa a ser perturbador.

O clímax é atingido quando vislumbramos desde o topo da serra, quase a querer esconder-se, a aldeia de Montesinho. O local é habitado por cerca de 40 pessoas e a escola primária fechou há três anos. Apesar de manter o seu aspecto primitivo de construção (granito e lousa), nota-se algumas casas a utilização do tijolo, quer seja na sua construção ou no seu alargamento. O ambiente é agradável e já existem valências que permitem uma visita mais prolongada com a existência de casas para alugar. Mas algumas conservam o traço da tipicidade apenas no telhado de lousa...

As origens sobre as gentes e o local estão mal documentadas, mas especula-se que Montesinho surgiu como um lugar de explora-



ção mineira ou como suporte de exploração agrícola desde os romanos.

Posteriormente, com as lutas da independência nacional com o Reino de Leão, a zona ficou escassamente povoada. Daí o esforço de repovoamento dos primeiros reis, principalmente D. Sancho I e D. Dinis. Mas esta responsabilidade deve também atribuir-se à ação dos mosteiros: o de Meirola e o de S. Martinho de Castanheira, ambos cistercienses, cabendo ao primeiro o repovoamento de Montesinho no tempo de D. Sancho II. JMC

Outubro 2003

6 ESPECIAL VERÃO: CINQUENTA E TRÊS PARÊNTESIS...

12 DE JULHO DE 2005



já estava farto de vê-la passar a passar a sempre mesma hora saia muito mini nos meses de verão as camisas com cores de nomes novos fúchsia e coisas choque o andar ternário um dois três a prometer-me coisas desconhecidas coisas novas de outro sexo e farto de vê-la passar como a dar-me bofetadas cheias de mulher na cara abri a porta de casa e o andar ternário dela um dois três e chamei olha tu porque passas todos os dias como se não houvesse mais lugares bons para passares e apesar do tudo na minha puberdade te agradecer os altos e baixos de nervosismo começam-me a doer cheios de mulher na cara e ela parou uma parou duas e às três re andou e eu entrei na casa e nos dias seguintes àquela hora havia silêncio e eu com remorsos das minhas palavras passei a encher a mesma hora com músicas antigas e para nunca mais ternárias.



ele comprehende não o que faço à noite quando vou sozinha à casa de banho ele incapaz e parece que feito de tudo menos do que preciso quereres que não se tocam compram ou medem ele é uma pergunta não ele é uma declaração solta no mundo as costas dele suadas à noite quando vou sozinha à casa de banho dizem o que ele é ele é uma frase sozinha a dizer-se sozinha ele é um rochedo solto do mundo a rebolar e ele não saberá o que são os pelos que me nascem nas pernas a cor real do meu cabelo o mau cheiro e o quente longo do meu sangue ele não saberá porque eu vou nua à casa de banho a meio da noite enquanto ele dorme e o suor dele ressona e o resto dele é dele demais para fazer perguntas.

calma cada um estamos os dois no seu lado da rua e até nos cruzarmos o sol ainda vai alto e demora a descer ela calma julgo que vem como e eu vejo como pele e há uma e outra velha lenta que passam também mas a linha entre nós está traçada e eu cabelo cabelo ela olhos tapados nós os dois e arriscarei talvez um aceno arriscarei um sentir-me importante e sorrir ela demorará a quebrar eu sem desistir e o sol desce e nós mais perto eu sozinho ela não sei vamo-nos encurtando um do outro vamo-nos pressentindo mas pode ser ocorre-me que ela puta presumida que me aprecie na medida do desprezo e pode ser ocorre-me que eu menos do que quero e me vai apetecer nela e a distância entre nós cada vez menos e há o momento em que é menor mas eu afasto o rosto ela afasta o rosto e o modo da distância desdobra-se e eu ela fomos adeus um para o outro.

e eu dele já estou farta mas agora estranho agora o momento parece que não sou eu nem ele tudo foi mudou e agora importa pouco não saber o que será melhor ou pior ou a falta de nos tocarmos e as bocas que não se encostam o que importa é só ele não sabe responder ao que eu não lhe sei perguntar e esse é o ponto final eu e ele sentados eu não falo ele não já nos sabemos e não pouco há a dizer portanto e eu dele já estou farta ele também de mim dele o silêncio é nosso filho e pode ser que as coisas mudem mas eu não acredito porque um num outro amamos o que é vil e baixo e mau e nunca mais eu sei que nunca mais por isso é o nunca mais entre nós o haver flores entre eu e ele e eu.

texto: jorge vaz nande
fotos: francisca moreira



A chave do reino

As Berlengas são uma das maiores atrações da região de Peniche

Outrora uma importante fortificação do reino de Portugal, a cidade acolheu uma prisão no tempo da ditadura e oferece agora praias e alguns spots para os amantes do surf

José Manuel Camacho

A designação é da autoria do Conselho de Guerra que no reinado de D. João IV acabou as obras de fortificação da vila piscatória de Peniche. Rodeada actualmente pela muralha e com a presença maciça da fortaleza assente sobre uma península, Peniche ainda mantém uma relação de extrema dependência com o mar. E este domina sob todos os aspectos o ritmo da vila.

O porto de pesca, as traineiras a vogarem nas ondas e as gaivotas nos seus cantos esganiçados, pintam o quadro que os nossos olhos captam. Noutros tempos, o mar não foi assim tão generoso com esta placidez e, desprotegida, Peniche sofreu vagas sucessivas de ataques de corsários franceses e ingleses (daí a decisão de a fortificar, logo em 1557, numa operação que demorou até à Restauração).

Abri 2005

A exploração dos recursos marinhos é uma prática desde os tempos romanos. É, aliás, a partir da palavra latina "península" (pae-ne+insula) que Peniche nasce, já que, à letra, significa "quase ilha". Pela costa recortada e ponteada por rochedos imponentes, escondem-se praias de grande extensão. É em alguma delas que os amantes do surf podem encontrar boas condições. Dizem os entendidos, através dos sítios da Internet, que a melhor é a do Baleal, "em frente à onda conhecida como Lagido", mas com as de Supertubos e Almagreira como alternativas para quem procura emoções fortes em cima da prancha.

Do mar à terra, e voltando ao princípio: a Fortaleza de Peniche. Tirando o facto de ser um bom miradouro sobre a costa, vale por se visitar o seu museu e as condições em que os presos políticos viviam no tempo da ditadura. Transformada em presídio de alta segurança em 1934, foi de lá que Álvaro Cunhal e outros nove presidiários ali detidos escaparam a 3 de Janeiro de 1960.

Existe documentação variada sobre a vida dos prisioneiros e as regras de conduta, sendo possível experimentar o ambiente frio e despido das celas, uma das quais ornamentada com desenhos do nômeno antigo líder do Partido Comunista Português, recentemente falecido.



Fortaleza de Peniche, onde o mito da prisão de alta segurança foi quebrado com a fuga dos presos políticos

Informações úteis

Como ir:

Rede Expressos - Autocarros diários, por 11 euros. Comboio - Comboios diários, com transbordo em bifurcação de Lares, por cerca de 10 euros.

Locais a visitar:

Fortaleza de Peniche e o seu Museu e os ateliers de renda de Bilros. As Berlengas: um pequeno arquipélago português situado a cerca de 15 km a oeste de Peniche, sendo local de excelência para a prática de pesca e de mergulho.

Gastronomia:

Terra de pescadores, Peniche tem uma magnífica gastronomia de mar. Destaca-se a excelência do peixe fresco, a caldeirada de Peniche, a lagosta suada ou simplesmente uma bela sardinha assada.

Alojamento:

Para todos os gostos e bolsas, a zona de Peniche apresenta desde parques de campismo municipais, a hotéis, passando por pensões e por ofertas de turismo rural.

Uma vila adocicada

Óbidos, no distrito de Leiria, serviu de dote a várias rainhas. Mas não se ficam por aqui as semelhanças com uma vila de contos de fada

Hänsel e Gretel foram colher amoras à floresta. Entretidos na brincadeira, não se dão conta de que a noite cai e não conseguem achar o caminho de volta para casa. Os dois ficam assustados e começam a chorar.

Nesse instante, chega o Anão do Sono que os acalma, atirando-lhes areia para os olhos, para que durmam profundamente. No dia seguinte, a Fada do Orvalho acorda-os e as crianças põem-se a caminho de casa. Enquanto relatam o seu sonho com os anjos, Hänsel e Gretel encontram uma casa feita de doces. Quando os dois, entusiasmados, começam a arrancar pedaços da casa e a comer, ouve-se uma voz do interior que os chama.

É no interior da sua muralha que nasceu a vila de Óbidos. Pequena, minimalista, com as suas asas caiadas de branco. Tão pequenas e mimosas que parecem feitas de doce, tal e qual como num conto de fadas. Mas a imaginação aqui não é só desejo, porque esta vila de reis (foi dote de várias rainhas portuguesas) é literalmente doce. Desde há três anos que se organiza nos seus muros, em meados de Novembro, o Festival Internacional de Chocolate, que se povoia de visitantes e também de "pequenos Hänsels e Gretels" que podem dar largas às suas capacidades culinárias. Em cada esquina descobre-se uma janela, igrejas e edifícios



históricos de diferentes estilos: manuelino, gótico e renascentista.

Ruas tortuosas e empedradas, que mantêm o seu tom medieval. Paredes com a policromia de muitas flores e trepadeiras que dão uma constante alegria primaveril. Lojas de artesanato com olaria, cerâmica, trabalhos em vime, miniaturas de moinhos de vento, latoaria pintada, trabalhos em teares manuais e bordados.

Não fica no meio da floresta, mas dá para nos perdermos no extenso vale do rio Arnéia. Pelo que se saiba, nunca existiu uma bruxa mas isso não seria um problema. No conto dos Grimm, os dois pequenos irmãos alemães desapareceram-na para dentro do forno e fizeram um bolo. JMC

Fevereiro 2005

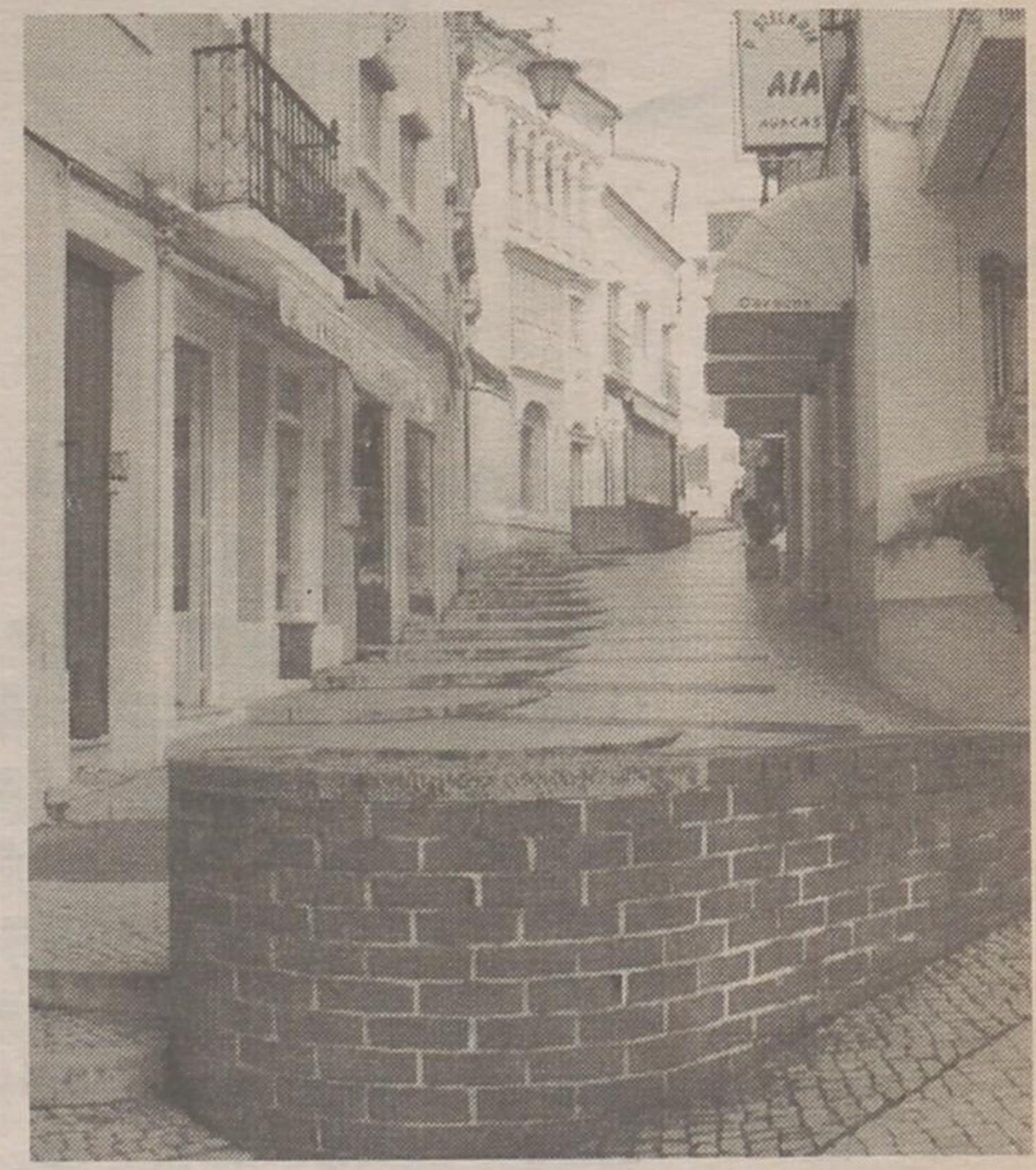
Retratos das Caldas

As termas e o artesanato marcam uma cidade que é desde há muito refúgio daqueles que vivem a agitação das grandes cidades

A região oeste do país abriga uma cidade que, além da vocação de estância termal, é muito conhecida pelo artesanato. Assim são as Caldas da Rainha, um agradável núcleo urbano com o seu animado mercado e a beleza infinidável da Foz do Arelho, a praia da vila.

A imagem das Caldas construiu-se no século XX, como refúgio das elites urbanas, conta Manuel Correia, fotógrafo e apreciador da região. Sentado em frente do lago do Parque das Caldas, regista com a máquina fotográfica mais um canto do Portugal que, como ele diz, é tão sabido por muitos, mas realmente descoberto por poucos.

Segundo Manuel Correia, o caminho de ferro foi inaugurado em 1887 e foi quando as Caldas passaram a estar ao alcance de muitos viajantes. Nesse século, destacaram-se uma brilhante geração de ceramistas, povoando a sua louça de formas e decorações naturalistas, cobertos por vidrados com tendência para o verde esmeralda e o amarelo mel, que desde então obteve grande êxito em Portugal e no estrangeiro. Nesta época, a fachada dos prédios foi quase toda reformulada, recorrendo ao jogo de cantarias, ao ferro forjado e aos azulejos, sofrendo as influências da "arte nova". Algumas décadas mais tarde, após duas



fundações e uma história muito curiosa e conturbada, a vila de Caldas da Rainha finalmente conseguiu o estatuto de cidade.

Numa conversa de bar, após uma caminhada pelo centro e conversas com o povo da cidade, a surpresa surge com uma história dos refugiados da Segunda Guerra que invadiram a região em meados de 1940, quando automóveis estrangeiros lotaram as ruas da cidade com judeus de quase todos os cantos da Europa em busca de um lugar seguro.

Caldas da Rainha é uma cidade que ainda conserva como pode o seu património, os seus mercados a céu aberto e que guarda todo o charme e contradição da urbanidade moderna. CV

Novembro 2003

Caminhadas pelo litoral

Porto Covo e Vila Nova de Milfontes têm as principais praias da Costa Vicentina

Um passeio tranquilo à beira-mar, a admirar falésias escarpadas e explorar as praias semi-desertas é uma das principais ofertas proporcionadas pela Costa Vicentina

José Manuel Camacho

A proposta de hoje é fazer um périplo pela praia, mais precisamente pelo Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina. São dois quilómetros de largura paralela à linha da costa, entre S. Torpes (Sines), no topo norte, e Burgau (Vila do Bispo), no extremo sul. Os "Outros Rumos" atravessaram este litoral desde Porto Covo até a Zambujeira do Mar, uma extensão que estava dentro do nosso alcance de locomoção pedonal.

Imortalizada pela voz de Rui Veloso, Porto Covo é uma localidade que testemunha a invasão pacífica de quem veio à procura de tranquilidade. A calma dos anciãos, em conversa de mesa de café com um copo de vinho e um bolo que vai sendo consumido aos poucos no Praça Marquês de Pombal, olha atentamente o viajante recém-chegado.

As praias visíveis de cima das falésias colocam-nos na dúvida de como acedê-las. A solução é uma surpresa: tendo acesso a uma através das escadas, as restantes estão à mão através das falhas das rochas ou contornando os rochedos, dentro de águas calmas e não muito profun-



Os recantos da Costa Vicentina são uma opção para quem quer fazer praia com a tranquilidade alentejana

das. Ao longe, o Forte de Porto Covo e a Ilha do Pessequeiro apelam para uma visita.

Próximo destino: Vila Nova de Milfontes. São cerca de dez quilómetros em caminhos que nem sempre são de terra batida mas de areia fofa, o que exige mais esforço quando se transporta uma mochila ainda pesada.

A localidade costeira é visivelmente maior e mais desenvolvida ao nível da oferta turística. São as suas praias fluviais e a costa que chamam mais a atenção dos visitantes. As águas do Mira proporcionam o descanso de famílias que não têm que se preocupar com a segurança das crianças, já que as águas são tran-

quilas e redes de pesca delimitam o máximo que se pode afastar da margem.

A Zambujeira do Mar é uma povoação pequena, composta por cerca

de 900 pessoas, crescendo naturalmente pela visita dos turistas. Do cimo das altas falésias tem-se uma visão sobre as praias de águas claras e estas servem também

de miradouro para o Atlântico. Experimente passar a noite numa delas, ouvindo a orquestra do mar sob o céu estrelado. Junho de 2004

Informações Úteis

Como ir:

Autocarros partem diariamente, com transbordo em Lisboa.

Coimbra para Porto Covo: ida e volta - 17 euros (menos 30 por cento com desconto de Cartão Jovem)

Onde ficar:

Esta zona apresenta diversas ofertas de parques de campismo, como por exemplo o Parque de Campismo de Porto Covo ou o Camping Férias em Vila Nova de Milfontes. Nestes estabelecimentos o Cartão Jovem é

aceite. Existem outras alternativas na área do turismo rural, passando também por pousadas da juventude ou por hotéis.

A visitar:

Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, em Odemira; o Castelo de Sines e o Forte de Porto Covo. Sugere-se ainda a Ilha do Pessequeiro, um dos ex-libris da Costa Sudoeste. Para a visitar, existem de Junho a Setembro, visitas guiadas, em barco com partida em Porto Covo.

Portel do tempo

Portel, típica aldeia alentejana oferece a possibilidade de descobrir a pacatez e simplicidade das suas gentes

Hoje, a vila de Portel é sede de um concelho que conta com oito freguesias e mais sete pequenas aldeias, mas é na Idade Média que encontramos um bom marco para começarmos a visualizar a história desta simpática vila.

Foi nesta época, num tempo que a lei era a espada e a honra era uma virtude, que Afonso III oferece a D. João Peres de Aboim as terras de Portel. Mais tarde, em 1261, a vila recebeu o seu foral, na mesma altura em que se iniciou a construção da sua fortaleza e do seu castelo, que resistiu à ação do tempo e se tornou no monumento turístico da vila.

A região ainda passa pelas mãos castelhanas, que mais tarde voltariam à coroa portuguesa graças aos esforços de D. Nuno Álvares Pereira. Já no século XV, as terras de Portel mudam mais uma vez de mãos e passam a constar na lista de bens da família de Bragança, após o matrimónio da filha de D. Nuno com o 1º duque da família Real. A distância da vila em relação a outros concelhos também é curiosa pelo ponto de vista medieval.

Em tempos que o cavalo era o principal meio de transporte, o percurso dos mensageiros



ros montados não podia ultrapassar a média dos 40 quilómetros. Este pormenor do passado contribuiu para a existência e localização da antiga vila.

As gentes de Portel assemelham-se no vestuário e no jeito de ser com a imagem que temos do povo alentejano. Mas é na rua e nos bancos de praças que está a oportunidade de entrar em contacto com as pessoas e descobrir que o Alentejo de Portel é autêntico e particular, através da simplicidade de quem gosta de receber visitantes.

A 25 quilómetros, na freguesia de Alqueva, encontra-se a famosa barragem com o mesmo nome, cuja existência gera polémicas. Por um lado, está a sua importância por concentrar água na região, por outro, os ambientalistas queixam-se da destruição do habitat e a desmatamento de milhares de árvores. CV

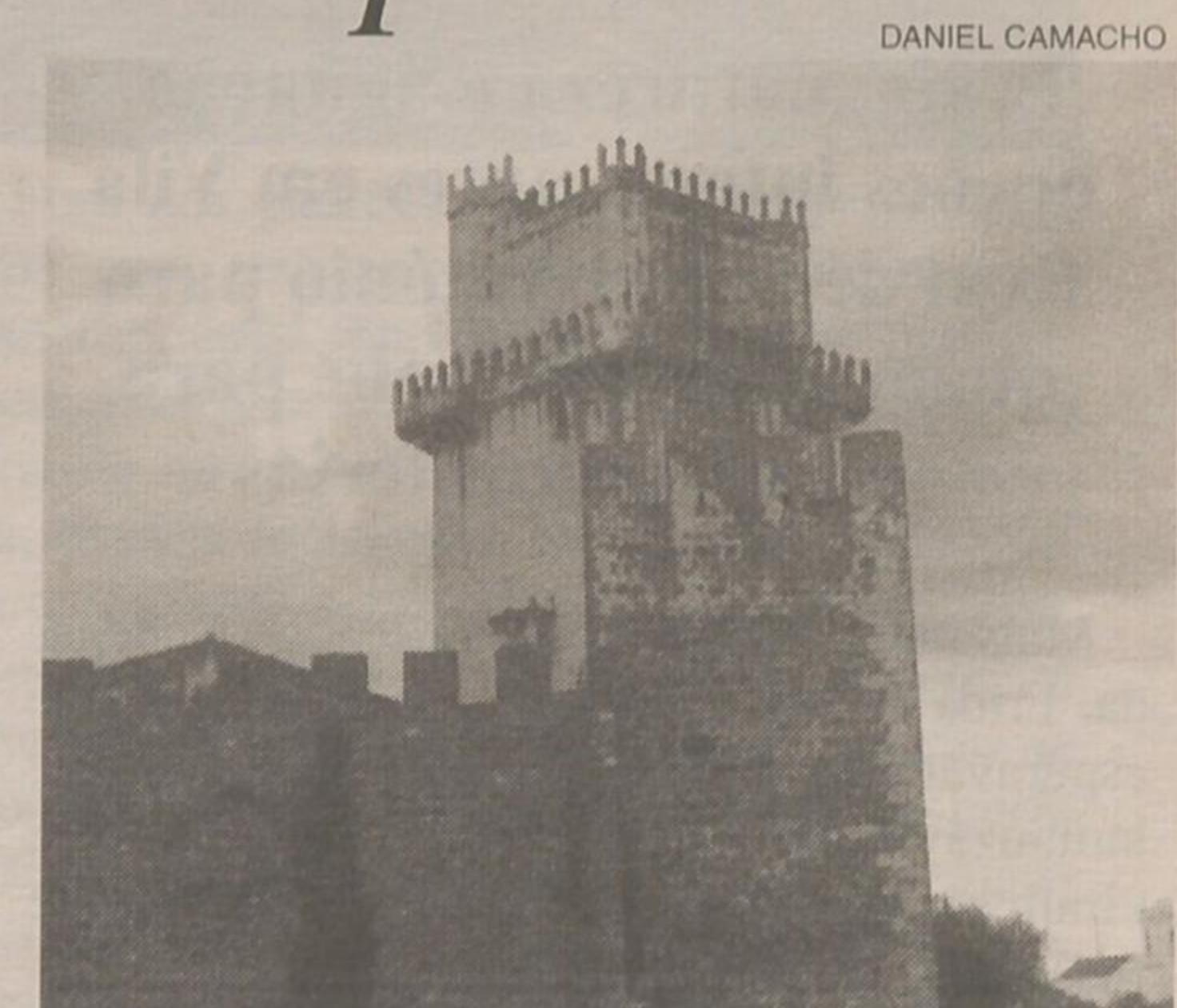
Maio de 2005

A cidade do campo

Visitar o Castelo de Beja é um trajecto indispensável para quem queira mergulhar na história da capital do Baixo Alentejo

A antiga Pax Julia dos romanos situa-se sensivelmente a meio caminho entre Lisboa e Faro. Capital do Baixo Alentejo, Beja é uma cidade rural que faz assim a ponte entre o interior cada vez mais desertificado do país e o litoral. Nela podem encontrar-se estruturas que permitem, à primeira vista, fixar a população: desde o Instituto Politécnico até as grandes cadeias de consumo de massas (quase todas as marcas de supermercado estão lá instaladas, algumas delas à entrada da cidade). Se não fosse a placa da Câmara Municipal a dar as boas vindas ao visitante, seria o logótipo do Intermarché.

Dando um salto no tempo através da zona histórica, encontramos o antigo Convento de Nossa Senhora da Conceição que aloja hoje em dia o Museu Regional: é um edifício que mistura diferentes estilos arquitectónicos mas é mais conhecida pela "Janela da Mariana" onde se diz que a freira Mariana Alcoforado via passar o seu amado, o oficial francês Noel Bouton, Conde de Chamilly. Escreveu-lhe cartas arrebatadoras e até foi visitada por ele.



Outra figura histórica alentejana de proeza é Gonçalo Mendes da Maia, membro de uma família nobre, descendente directo de Ramiro II, Rei de Leão. Ganhou a alcunha de "O Lídador" por ter lutado proficuamente contra os Mouros. Foi perto de Beja que o esforçado guerreiro, então com 95 anos, foi ferido numa batalha contra o rei Almohamar. Resgatado pelos filhos de Egas Moniz, ficou bastante maltratado mas ainda foi a tempo de combater Alboacim, rei de Tânger, onde acabou por falecer.

Para imaginar estas cenas da reconquista cristã, nada como subir ao Castelo de Beja, edificado por D. Dinis, e admirar a vasta planície num entardecer. JMC

Março de 2005

O principal cartão postal do Algarve

Um dos mais visitados pontos turísticos foi o local de partida para os Descobrimentos

Lagos, a cidade que serviu de partida para as embarcações do Infante D. Henrique, é actualmente um dos destinos mais procurados para férias no litoral algarvio

Cláudio Vaz

Um dos destinos mais belos do Algarve tem hoje motivos de sobra na sua história e geografia para ser a cidade mais cosmopolita e visitada do sul do país. No passado, Lagos serviu de portal para as embarcações do Infante D. Henrique, "O Navegador", que apostou na navegação para ampliar o circuito comercial português. A ideia veio transformar o porto de Lagos num dos pontos mais importantes da época, cruzamento de muitas rotas e culturas internacionais. Perfeita para a prática de desportos náuticos, a cidade abriga ainda algumas das praias mais paradisíacas de toda a Península Ibérica, outro factor importante para entender porque é que os portugueses sempre voltavam para Lagos depois de desbravarem os mares.

Ao chegar à cidade, conheci a avenida principal, rodeada por palmeiras onde se espalham cafés e hotéis de alta qualidade, em contraste com a agitação das calçadas, repletas de pessoas de todas as idades e línguas, transformando todo o lugar numa verdadeira "Babel" plana e ensolarada. No meio disto tudo, Olívia, de apenas quatro anos de idade, e a mãe, Frida, ambas de origem sueca, a correrem para a estação de comboio. A

primeira vez que as encontrei foi na ilha de Armona, onde ajudei a desembarcar o carrinho de bebé de Olívia. Amigas que, curiosamente, eu viria a encontrar mais vezes, em dias e locais diferentes, sempre por acaso.

Atrações como a Ponta da Piedade são alguns dos motivos para uma visita a esta cidade: a chegada à ponta é magnífica. Através de uma pequena estrada, a terra termina de repente, num penhasco gigantesco onde é possível aproximar-se do mar e desfrutar de vistas espectaculares. Recifes, grutas e cavernas surgem das profundezas azuis. Dali se vêem rochedos e paredões, que contornavam a costa.

A herança árabe

Eles já não estão lá, mas deixaram, em cinco séculos de ocupação, um legado cultural e arquitectónico de encher os olhos a qualquer viajante. Caminhando pelas vilas e praias do litoral algarvio, antiga colónia árabe, é fácil perguntar: "Afinal, estamos mesmo em Portugal?".

Após a derrota dos reis visigodos, no sul da Península Ibérica, liderada pelo comandante mouro Tarik Ibn Ziyad, em meados do ano 711, os árabes começaram a instalar-se na região e ali estabeleceram o seu comércio juntamente com a sua tradição, hábitos alimentares, cultos religiosos e arquitectura, semelhante às construções das ilhas de Mikonos e Santorini, na Grécia. Após muitas batalhas, o Algarve foi reclamado pelos cristãos em 1249, passando a fazer parte do reino português.

Com o passar dos anos, a região transformou-se numa das estâncias mais procuradas da Europa, principalmente no Verão, época em que as praias algarvias se enchem de turistas



A arquitectura de origem muçulmana resiste na paisagem algarvia

estrangeiros, oriundos de todos os cantos do velho continente e do mundo. Línguas, estilos e rostos misturam-se nas areias e nas calçadas das

praias. Com este grande fluxo de turistas, a mão-de-obra para o sector terciário chega a ser escassa em algumas vilas, o que pode ser uma boa

opção para quem gosta de juntar algum dinheiro nas férias enquanto trabalha num lugar diferente no Verão.

Junho 2004

Informações Úteis

Como ir:

Rede Expressos – Autocarros diários, com transbordo em Lisboa: 18 euros
Comboio – Comboios diários, com três transbordos

Onde ficar:

Parque de Campismo Turiscampo (2,75 euros por pessoa)
Hotel Tivoli Lagos
Pensão Residência Sol e Praia
Pensão Sol a Sol
Pousada da Juventude de Lagos

Pontos turísticos:

Castelo dos governadores, Fortaleza Ponta da Bandeira, Homenagem aos Descobrimentos, Infante D. Henrique, mercado dos escravos, messe militar, monumento aos navegadores portugueses, tríptico alusivo a Alcácer-Quibir

Vida nocturna:

Bar Alvorada III
Calypso Bar
Discoteca Phoenix
Marina de Lagos

O extremo sudeste

Praia, natureza e agitação, opções interessantes em Vila Real de Santo António para quem ainda não sabe para onde ir nestas férias

Mais um encontro inesperado, logo à chegada. Frida e Olívia, a mãe e a filha suecas que esperavam um comboio para Faro enquanto se lambuzavam com um gelado. Contaram o que viram em Vila Real de Santo António como se fossemos velhos conhecidos.

Após um passeio pelo centro da cidade, fui conhecer as margens portuguesas do Guadiana, que parecem pertencer apenas aos pescadores nativos onde, após uma manhã de linhas ao mar, fazem ali mesmo as suas refeições, como se estivessem numa extensão das suas casas.

Para quem nasceu ali, isto é uma verdade, pois é o lugar onde eles cresceram e vivem com os seus vizinhos espanhóis, uma convivência semelhante à dos portugueses do norte, que tiram do Minho o seu sustento e, da outra margem, histórias e amizades de toda uma vida.

Um pouco de história: Vila Real de Santo António surgiu graças aos esforços do Marquês de Pombal, o responsável pela reconstrução de Lisboa após o terramoto de 1755 e que



levou progresso à vila, com a construção de ruas bem ornamentadas e monumentos sumptuosos. Além do centro histórico, as praias são as maiores atrações do lugar.

A praia de Monte Gordo, por exemplo, é uma das praias mais procuradas da zona do soavento algarvio. Uma praia para todos os gostos, que guarda, numa das suas extremidades, uma mata de pinhais silvestres onde se pode caminhar e respirar o perfume característico da vegetação. Na outra, a parte mais movimentada, com calçadas extensas e vários pub's, restaurantes, bares e esplanadas a céu aberto. CV

Junho 2004

Turismo vs ambiente

Durante cinco dias no Algarve, a "árida" tarefa de encontrar a difícil resposta: Porque é que toda a gente quer ir ao Algarve no Verão?

Não foi lá muito difícil. O Algarve visivelmente reúne factores essenciais para boa época de férias. Um deles é o factor humano. Os algarvios, já acostumados a receberem muitos visitantes, proporcionam um acolhimento simpático e aberto, além do ambiente, com belas praias e paisagens, e de muita gente diferente para se conhecer. Quando estes elementos se reúnem num só lugar, a probabilidade de passar ali bons momentos é bem grande.

Sim, férias para todos, mas... E depois? Quem por estes lugares passa nem sempre se apercebe do impacto que está a causar numa região, social e ecologicamente falando. Socialmente, pois o progresso turístico pode ser demasiado. Línguas estrangeiras em letreiros e placas de trânsito, contribuição para uma lenta perda de identidade. E a nível ecológico, pois um pedaço de papel ou uma lata de cerveja pode não ser uma catástrofe imediata, mas, com o passar do tempo, este material, abandonado no fundo do mar, poderá causar danos irreparáveis (o mais grave é que não estamos a falar de apenas "uma" lata de cerveja ao mar).



Para a questão social, aposta-se na educação, para o problema ambiental, são criadas reservas ecológicas para promoverem uma consciencialização e a conservação destes lugares. Como é o caso do Parque Natural da Ria Formosa, em Olhão, ponto de passagem de aves migratórias e berço de uma grande variedade de peixes e plantas locais.

A caminho da ilha de Armona, encontro pela primeira vez as minhas amigas suecas. Companheiras recém-conhecidas, quase inseparáveis que, no meio desta minha passagem pelo Algarve, me ajudaram, através da amizade e dos seus olhares, a perceber qual o sentido daquela viagem, nestes outros e diferentes rumos que a vida nos presenteia. CV

Junho 2004

A Madeira é Laurissilva

Para além de atração turística, a floresta é também essencial para a vida na ilha

Capaz de ter as quatro estações do ano num só dia, não é à toa que a Madeira é conhecida como a "pérola do Atlântico"

José Manuel Camacho

Falácias: "A Madeira é um jardim", "a Madeira é o Jardim". Se alguém pensa que a paisagem está pintalgada de flores coloridas por todo o lado está enganado.

As plantinhas estão condicionadas territorialmente dentro de estufas que depois vão parar aos balões das vendedoras com trajes folclóricos no mercado ou numa das ruas da capital.

A visão de flores endémicas faz-se mas é através de jardins de indole pessoal, públicos, no Jardim Botânico ou nas quintas, construídas pelos mercadores ingleses em meados do século XIX, que enriqueceram com a venda do vinho. Ou seja, tudo controlado pela mão humana. De resto, o que se vê mais à beira das estradas que cortam o interior da ilha são as hortênsias, flores de cor azul.

Reducir a identidade de um lugar

ao nome de um político é estupidez. De tanto utilizar o cliché até parece que é só na Madeira que acontecem ca(s)os de repetição de cargos políticos. Marco de Canaverez não é só Avelino Ferreira Torres ou Braga é só Mesquita Machado.

A idiossincrasia nacional na hora de votar é que permite que eles fixem as suas raízes na terra, quais árvores centenárias. Na paisagem madeirense, o que realmente é é ilha é a floresta Laurissilva.

Esta mancha verde é a floresta original da Madeira, aquela que já aqui existia aquando da chegada dos descobridores portugueses e dos políticos. Esta designação provém do latim, *Laurus* (loureiro, lauráceas) e *Silva* (floresta, bosque).

A Laurissilva desempenha um papel muito importante na economia e no bem estar social da ilha, dado que ela é responsável pela produção, fixação e regularização da água utilizada no consumo humano e na rega dos campos.

São famosas as caminhadas ao longo das levadas de água que cortam por entre os tis, os loureiros, os vinháticos ou os barbusanos ou por dentro de tunéis de arestas pontiagudas, deixadas tal e qual como o dinamite e os homens escavaram.

Janeiro 2005



Os trilhos da floresta Laurissilva servem de passeio para os turistas

Informações Úteis

Como ir:

TAP - 7 viagens por dia. Viagem de ida e volta em classe económica por 319 euros.

Air Luxor - A base é uma viagem por dia. de ida e volta em classe económica por 186 euros

Locais a visitar:

Destacamos as praias de calhau, as caminhadas pelas levadas, o Centro de Vulcanologia e Grutas de S. Vicente, os raros engenhos de açúcar.

Gastronomia:

Bolo de caco com manteiga de alho, espetada, picado, milho frito, lulas grelhadas, peixe espada preto. De bebidas apresentam-se a poncha e a "nikita".

Alojamento:

Pousada da Juventude no Funchal. Quarto duplo com WC - 21 euros (preço por quarto). Quarto individual com WC - 15 euros (preço por quarto). Quarto múltiplo sem WC - 12 euros (preço por pessoa)

Uma aldeia em Pessoa

Aldeia. s.f. Pequena povoação, de categoria inferior à de vila / Povoação de indígenas



Em terras lusitanas, descobri um novo significado para esta palavra. Aqui, aldeia não é só uma simples aglomeração de pessoas e casas; aldeia quer dizer também "pátria". Num Portugal fragmentado, uma rica diversidade de orgulhos regionais constrói a sua identidade, que vai desde a culinária do pastel de Tentúgal ao futebol dos Açores de Pauleta.

Este pequeno espaço onde passamos a maior parte da nossa vida atinge grande importância, quer se trate de uma vila ou de uma grande cidade. Baseado neste emprego do vocábulo, deixei a minha terra, a Alta de Coimbra, para visitar as terras da aldeia de um ilustre cidadão lisboeta: Fernando Pessoa.

Após um breve período pela África do Sul, Pessoa dificilmente cruzaria a fronteira dos arredores da região que ele dizia ser a sua aldeia e fazia de cada canto dela cenário para a sua vida e local de inspiração para as suas obras. Num passeio pelas estreitas ruas do Chiado aos cafés do Rossio, podemos encontrar mui-

tos dos cenários por onde Pessoa andou e facilmente imaginar o poeta a caminhar timidamente pelas ruas, com o imortalizado chapéu e um punhado de folhas para anotações.

Palco de grandes acontecimentos, a Baixa Pombalina fez parte da vida de Pessoa e da história de Portugal. Após o terramoto de 1755, a zona, que é candidata a Património da Humanidade, abriga praças e esculturas de um legado fruto do empenho do responsável pela sua reconstrução, o Marquês de Pombal.

Satisfeito com a visita, começo a pensar no regresso à minha terra, também com primeiras, segundas e terceiras Pessoas que apreciam levar tintas ao papel. CV Fevereiro 2005

Com sotaque do norte

Com uma simples visita ao Porto, é possível observar todo um contraste de culturas, linguagens e estilos

Uns dizem que é o povo irreverente, de expressões próprias e de gosto pela novidade, outros que é o fruto de uma história que sempre colocou a Cidade Invicta perante as outras. Seja qual for a opinião, a sensação jovial das pessoas em contraste com a antiga arquitetura, o Porto vai ser sempre inspiração para quem sobre ele escreva. Palavrões que ecoam pelas ruas estreitas, comerciantes ora rabugentos, ora de grande simpatia, crianças a correr atrás da bola na praça dos Clérigos.

Lojas de artigos de circo, ruas inteiras de produtos latino americanos, discotecas dentro de caves antigas e bares para os mais variados gostos à beira Douro. O Porto é jovem, moderno e multicultural. Uma cidade onde o velho e o novo se misturam, do exótico ao milenar. Numa tranquila caminhada pela zona da Corderaria é possível encontrar de tudo um pouco, para isto basta um olhar atento às portas por onde se passa.



Fora dos padrões turísticos convencionais, uma casa traz um pouco do conhecimento transcendental através do yoga e da boa alimentação para a capital nortenha: a casa do Oriente no Porto. No interior, mesas, bandejas, aromas de incensos no ar e música; no placa, cartazes sobre alimentação vegetariana, produtos naturais e imagens de ídolos da fé Hindu. Uma sede Hare Krishna no coração da Corderaria, onde é possível conhecer de perto a fé Hindu através da leitura dos textos sagrados dos Vedas nas secções gratuitas de Yoga e, através das diárias refeições vegetarianas. CV Novembro 2004

